

UM TEXTO DESNECESSÁRIO

Nuno Miguel de Resende Jorge Mendes

Licenciado em História pela Universidade do Minho

As fotografias de Pedro Corte Real mostram-nos a crueza dos ângulos e a frieza das sombras. É um trabalho solitário; há luz e movimento, mas o silêncio é aí evidentiíssimo. Não havendo luz, não haveria sombra, contudo é absolutamente possível a existência de movimento sem som: corpos celestes, o tempo, o pensamento.

As ruas de Braga são um mero pretexto para este trabalho, poderia ser aqui como em qualquer outra parte onde a mão do Homem tivesse convertido a terra em pedra e cimento e o cimento tivesse convertido o Homem em módulos.

Confesso que, pessoalmente, me

revejo em cada fotografia, porque cada uma delas é um pouco do meu percurso. Olhei as sacadas, varandas e fachadas destas ruas com interesse –pode ser um interesse diferente de P. C. R. é irrelevante– mas é-o suficientemente importante para o não dever ignorar nem deixar de mencionar este (para os outros) insignificante acto. São ruas familiares, concretas e tão palpáveis que visioná-las neste livro é como percorrê-las –eu, que já o não faço há anos, mas as guardo vívidas.

Vívida, eis um termo que define bem esta obra.

Não há aqui artifícios, máscaras

ou pinceladas. Há momentos e estes não se preparam. E cada foto se repete ad infinitum, compilando momentos, instantes de cada uma das pessoas que passava no momento em que P. C. R. fotografou. Seria impensável, inimaginável, monstruoso até, pensar em cada instante, fixado por cada personagem que jaz solitário e silencioso nestas fotografias. A ideia é possível, mas construí-la não o é. Muito mais se alargássemos este pensamento ao pensamento de cada ser transitando no instante fixado. E do silêncio, nasceria uma torrente de sons tal, que seríamos obrigados a fechar os ouvidos, feridos pela fúria, desejo, tristeza, alegria e desespero de cada indivíduo. Em vão.

O que P. C. R. fez foi silenciar este mundo em pequenas placas espelhadas –porque cada foto é um reflexo de nós, que a vemos e interpretamos (o que faço eu agora se não isto?). Este é o verdadeiro valor da fotografia; não é tão pessoal como a pintura, nem tão individualista

como qualquer uma das demais artes. É volúvel, tomando o interesse, a forma e a vontade de cada «leitor», porque a foto é acima de tudo um texto autobiográfico lido ao contrário, como se lêssemos o nosso diário através de um espelho –sempre há nessa imagem-textual algo que nos remete para algo, alguém ou determinada circunstância. A cena não termina nos limites do papel, prolonga-se para lá dele, prosseguindo nas lembranças, nas nossas e nas dos outros, nos retratados, ou na dos pensamentos dos retratados que recordam outros indivíduos, e outros e outros...

É mais fácil rasgar uma fotografia do que destruir um quadro. Mas a sua banalidade não a desvaloriza, é um prolongamento de nós, das nossas memórias, dos nossos medos. Marguerite Yourcenar dizia, através de uma das suas personagens que ao longo da vida –Homem numa caminhada– vamos deixando para trás todo o nosso fardo, até terminarmos nus, para um longo sono. Ousamos entrar nes-

ta imagem belíssima de M.Y. e dizer que fotografia é o mais leve dos nossos fardos, prolonga a nossa visão e fechar-se-á também com ela, quando nos entregarmos ao Sonho.

O quotidiano está todo nestas fotos. Escarnecem dele os puristas que desejam ver na fotografia apenas os elementos indispensáveis. E afinal que elementos são esses se não o vazio, o corpo, o objecto. Quem, amanhã, saberá o que fizemos,

o que sentimos, o que desejámos, o que somos, (ainda que isso não sirva de nada), quem? Sem a imagem somos uma cor apenas e essa cor é incapaz de nos oferecer a noção de movimento, de existência, em suma. P. C. R. fá-lo de forma exemplar.

Era, pois, desnecessário este texto, uma nota, apenas, na multidão de outras que cada um pode fazer.

Agradece, porém, a confiança da nota, o autor ao autor.

**Casa dos Morgados
Cinfães**

Os textos publicados são da inteira responsabilidade dos seus autores.
Reservam-se todos os direitos de autor e copyright dos mesmos.